

Fazer política era mais fácil em 84

O entusiasmo que não atingiu o estado febril é uma das mais evidentes diferenças entre o engajamento de artistas nesta eleição e na campanha das Diretas. A justificativa para a alteração de comportamento esbarra na natureza das manifestações. Em 1984, os artistas, à frente da defesa do direito de voto, refletiam um desejo comum da maioria da sociedade. Empinavam uma idéia. Não estavam pregando, como agora, a filiação a um determinado nome ou ideologia.

— E ideologia não pode ser tratada como um produto — ressaltou Paulo Betti.

Esta responsabilidade, aliada à desesperança que tomou conta do palco eleitoral, tem levado a classe artística a pensar duas vezes antes de aceitar subir em palanques, participar de comícios ou aparecer nos programas do horário gratuito. Embora indecisa, a apresentadora Xuxa garantiu que, mesmo quando fizer sua escolha, não vai trabalhar em campanhas. A modelo Monique Evans também teme acreditar em um candidato, ajudá-lo a chegar ao Planalto e depois descobrir não só que fez a opção errada, como contribuiu para que outras pessoas também se iludissem.

Este é o sentimento da maior parte dos artistas, arredia em vestir desde já a camisa de um dos postulantes. A tendência é observar os desempenhos nos debates e a exposição dos programas de governo, que devem tratar da cultura mas dar prioridade à saúde e educação.

Só os mais seguros de seus votos, como Regina Duarte, Osmar Prado, Lucélia Santos, Paulo Betti e Alceu Valença, pretendem já arregaçar as mangas para ajudar a esquentar a campanha.